



Universidade de Brasília
IH – Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Filosofia

1

ALANDER SANTOS LEÃO

Filosofia Clínica: da teoria à prática

Brasília-DF

2022



ALANDER SANTOS LEÃO

2

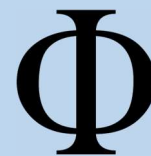
Filosofia Clínica: da teoria à prática

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia como requisito integral à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Hubert Jean François Cormier

Brasília-DF

2022



ALANDER SANTOS LEÃO

3

Filosofia Clínica: da teoria à prática

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do
Curso de Filosofia da Universidade de Brasília do aluno

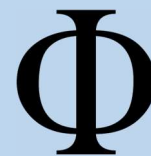
ALANDER SANTOS LEÃO

Prof. Hubert Jean François Cormier
Orientador

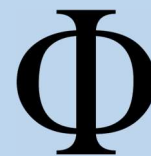
Prof^ª. Dr. Wanderson Flor do Nascimento
Examinador

Prof^ª. Dr. Gilberto Tedeia
Examinador

Brasília, 21 de fevereiro de 2022



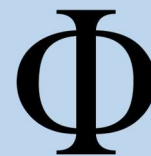
Dedico este trabalho primeiramente à Deus por ser a base de tudo, à minha família que foi e sempre será fundamental e aos meus amigos, que me ajudaram e apoiaram nessa fase que está prestes a se encerrar. Sem vocês nada disso seria possível!



AGRADECIMENTOS

5

Agradeço à Deus em primeiro lugar, que me deu o dom da vida e sempre esteve e estará ao meu lado, ao meu orientador pelo apoio e paciência no desenvolvimento deste trabalho e à minha família.



“Que nada nos defina, que nada nos sujeite.
Que a liberdade seja a nossa própria
substância, já que viver é ser livre”.

Simone de Beauvoir



RESUMO

7

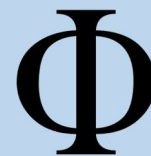
Filosofia Clínica é a arte de levar as pessoas a se encontrarem existencialmente através de um novo olhar em sua historicidade e de descobertas de novas maneiras para viver melhor consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Uma arte construída pelo rigor do método, pela expressão máxima de humanidade por parte do filósofo clínico e pelo inteiro compromisso por parte do partilhante. A Filosofia Clínica desenvolve o trabalho através da construção compartilhada a partir de cada pessoa e não de conhecimentos a priori. O respeito à individualidade e à subjetividade são bases para o desenvolvimento da terapia feita pela Filosofia Clínica.

Palavras-chave: Filosofia. Clínica. Teoria. Prática.



SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. O QUE É A FILOSOFIA CLÍNICA.....	12
3. RAÍZES GREGAS NA FILOSOFIA CLÍNICA	13
4. A FILOSOFIA E A CLÍNICA	15
5. A PRÁTICA DA FILOSOFIA CLÍNICA	17
6. REFLEXÕES FILOSÓFICAS DA FILOSOFIA CLÍNICA	18
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
8. REFERÊNCIAS	23



Filosofia Clínica: da teoria à prática

1. INTRODUÇÃO

9

Novidade no cenário filosófico, a orientação filosófica é uma retomada do papel originário da filosofia: refletir sobre as questões cotidianas, usar nossas capacidades de compreensão para encontrar as melhores formas para lidar com nossos problemas.

Durante toda a sua história, a humanidade criou formas, métodos para abordar, compreender e lidar com suas questões. Tais métodos surgiram de necessidades colocadas pelos problemas cotidianos, de dificuldades encontradas na existência. O próprio surgimento da filosofia ocorreu desta maneira, numa tentativa de compreender os fenômenos da natureza, de encontrar explicações para as questões que pareciam não ter respostas, ou cujas respostas dadas pelo pensamento mítico não mais satisfaziam as pessoas daquela época. Como relata Jean Pierre Vernant, em *As origens do pensamento grego*, as viagens marítimas propiciaram o encontro de diferentes formas de explicar o universo, existentes no Ocidente e no Oriente, gerando uma nova forma de pensamento.

Essa nova forma exige, desde seu surgimento, lógica e organização do pensar. Supõe-se, em princípio, que a organização - do universo, do pensamento humano e da sociedade - é pautada por uma mesma lei natural. Conhecer essa lei faz do ser humano um "animal político" - como propôs Aristóteles - capaz de tomar para si a tarefa de organizar a vida em sociedade, independentemente da vontade dos deuses.

Contudo, a razão humana, considerada naquele período, é capaz de agir sobre o próprio ser humano e suas formas de organização, mas não sobre a natureza, com a qual deve harmonizar-se, uma vez que não possui meios para



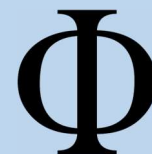
transformá-la. Por isso, nas origens da filosofia, conhecer a natureza, seus limites e possibilidades, é fundamental para contextualizar as questões humanas.

Assim, poderíamos afirmar que a filosofia, desde o início, é uma forma de pensamento sistemática e organizada, que exige profundidade, buscando a origem; e que se faz a partir da compreensão dos contextos nos quais se insere. Com tais características, não é possível dissociá-la do mundo, da vida. Ela parte das questões da existência; contextualiza, aprofunda, organiza; e retorna à existência com novos elementos para compor o real. Está inserida nos limites da natureza, mas pode ultrapassá-los à medida que cria novas formas de organização, novas formas de vida.

Ao mesmo tempo, também poderíamos afirmar que ela surge do encontro entre diferentes perspectivas, diferentes maneiras de compreender o mundo. E assim permanece em toda a sua história, tendendo a um movimento pendular entre diferentes abordagens para as questões humanas. Não é o caso de escolher uma forma e considerá-la melhor que outras, mas de criar, a partir do encontro com o diferente, novas possibilidades de pensar, compreender e existir.

Diante de tais afirmações, poderíamos compreender a filosofia como uma forma de pensamento que necessita do encontro, do diálogo entre as diferentes perspectivas; e que ela ocorre neste e a partir deste encontro. Um encontro exigente, que nos obriga a ter, como afirmou Heidegger - em: O que é isto: A filosofia? - disposição. Segundo ele, dispor, sair de sua posição, é a atitude fundamental para permitir o encontro, para o pensar-junto-com-o-outro.

Mas se a filosofia é esse encontro, com disposição para pensar junto com o outro, pautando o pensamento em uma organização lógica, contextualizando as questões a partir das circunstâncias de seu surgimento, por que algumas pessoas compreendem a filosofia como uma "viagem", como pura especulação? Concebem o filósofo como alguém que fica especulando sobre questões completamente



inúteis, inatingíveis, complexas demais ou desinteressantes demais? Karl Jaspers, no livro *Introdução ao pensamento filosófico*, apresenta uma leitura para isso.

Segundo ele, a filosofia incomoda, pois "tira a estabilidade do mundo", ou seja, nos retira do conforto, da acomodação, da anestesia, que muitas vezes fazemos uso para guiar nossas vidas. Pensamos como todo mundo pensa, sentimos como todo mundo sente, fazemos o que todo mundo faz; e o pensamos, sentimos e fazemos porque o mundo sempre foi assim, ou porque é da natureza humana ser assim. A filosofia questiona essa postura e nos obriga a olhar para o processo a partir do qual construímos nossos pensamentos; o que nos serve de base para concluir o que concluimos, para escolher como melhor caminho aquele que escolhemos.

Por isso, Jaspers aponta para o perigo que ela representa àqueles que estão "acomodados", que são beneficiados pela ausência de uma reflexão crítica. Esses, por sua vez, utilizam alguns artifícios para desqualificar a filosofia. De um lado, elitizam-na, mostrando que apenas os gênios, os grandes, são capazes de compreender a complexidade de sua linguagem e de suas questões. Ele nos mostra o quanto essa tendência atrai facilmente alguns dos que se dedicam à filosofia, que começam a se considerar gênios escolhidos e distanciam-se rapidamente das questões cotidianas. Por outro lado, ele aponta para o processo de banalização da filosofia, tudo é filosofia: minha filosofia de vida, a filosofia do boteco, ou seja, qualquer pensamento, sem rigor, sem organização, sem profundidade, é filosofia. Assim, "viajar nas ideias" é compreendido como filosofar, levando à perda, com a banalização, do que é próprio do filosofar.

Tanto a elitização quanto a banalização são, segundo Jaspers, formas de destruir a filosofia, de afastá-la de sua tarefa fundamental. Nem banalizada, nem elitizada, a filosofia é uma forma válida e muito rica para abordarmos as questões cotidianas, para estabelecermos o diálogo com o outro, com a diferença, para



pensarmos juntos, e juntos construirmos formas de vida mais adequadas a nossos desejos, possibilidades e necessidades.

Mas compreendamos que filosofia não é um pensar solto, um viajar nas ideias. Ela se faz a partir de conceitos que possuem uma gênese. Ela necessita da pesquisa dos contextos, observando as condições de satisfação de nossos desejos, crenças e intenções na realidade na qual estamos inseridos. Ela supõe um profundo conhecimento de si e da realidade, para que possamos pensar com fundamentos, acerca das questões que necessitamos enfrentar.

É nessa perspectiva que surge a orientação filosófica, trazendo a filosofia como uma abordagem para as questões cotidianas; promovendo o encontro, o pensar-junto-com-o-outro; questionando como construímos nossas crenças sobre o mundo, e de que maneira tais crenças interferem na forma como nos posicionamos diante da realidade. Revendo nosso próprio processo de pensamento, estudando a nós mesmos e a realidade na qual nos encontramos, a orientação filosófica nos remete à construção de formas para enfrentarmos as dificuldades do existir. Novidade no cenário? Não. Apenas um resgate da tarefa originária do filosofar.

12

2. O QUE É A FILOSOFIA CLÍNICA

Diferentemente da psicologia e da psicanálise a filosofia clínica é um método *a posteriori*, diante da pessoa em nossa frente nada sabemos, por isso precisamos da historicidade. O ‘tratamento’ se dará somente depois de descobrirmos como o outro funciona. Essa é uma diferença, *a priori*, nem melhor nem pior, apenas diferente.

“A filosofia clínica é um método de atendimento ao indivíduo que busca na filosofia acadêmica, em sua vasta história de produção de



conhecimento, as bases para entender o sujeito em sua singularidade. [...] (Packter, 2002, p. 81)

A Filosofia Clínica, tem tomado uma crescente relevância dentro da filosofia geral, ainda mais em se tratando dos aspectos individuais humanos. No Brasil, passou a ser divulgada em na década de 1990 e tem conquistado um grande número de pessoas, não só de filósofos, mas de profissionais e estudiosos de outras áreas, como da saúde, educação e humanidades em geral.

13

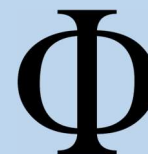
O que distingue a Filosofia Clínica é o seu caráter prático-aplicativo. Porém, pouco espaço tem ganhado se comparado a outras práticas de filósofos renomados no campo terapêutico. O que leva ao crescente sucesso da filosofia Clínica é a sensibilidade no tratamento com as pessoas em seu uso clínico. O indivíduo é visto como um ser único em todas as fases do processo, procurando o verdadeiro respeito pela alteridade de cada um, desconsiderando todo e qualquer tipo de rótulo acerca de outrem.

Observando a potencialidade da Filosofia Clínica sedimentada em seus pilares éticos e humanísticos, podemos deduzir que é uma área em grande amplitude e com forte crescimento envolvendo diversas áreas do conhecimento, inclusive no setor financeiro.

3. RAÍZES GREGAS NA FILOSOFIA CLÍNICA

Uma das bases da filosofia grega que encontramos na Filosofia Clínica é a Dialética de Platão. Há várias contribuições em toda parte da filosofia, mas por ora vamos ater à mais célebre de todas que é a Dialética. Por dialética em Platão, temos:

A dialética é o método que Platão toma de Sócrates. Apresenta a forma de diálogo; funda-se na dissimetria do saber; procede por perguntas e respostas; o exame da tese proposta segue geralmente uma ordem precisa: refutação, aporia, pesquisa. Platão fará da



dialética a ciência suprema que permite ter acesso à contemplação do Bem; o essencial numa discussão é menos atingir a meta limitada pela pesquisa que tornarem-se dialéticos melhores. (Rogue, 2007, p. 199)

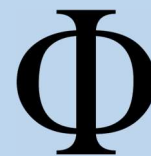
14

A dialética platônica é apresentada em um desdobramento do diálogo socrático que, num processo de investigação, irá em direção à aproximação entre a palavra (logos) e as coisas. Esse processo se dará primeiramente em um diálogo de perguntas e respostas, entre as partes interlocutoras, portanto a dialética. Enquanto Sócrates se restringe mais a Questões práticas, no sentido da moral etc., Platão, ao definir a qualidade das coisas, estaria simplesmente significando partes de uma unidade ou de algo maior, ou pleno.

Conforme a dialética platônica, o filósofo não seria nem sábio, tampouco ignorante, dado que a sabedoria viria a ser o sumo Bem e a ignorância o caos. Nesse caso, o filósofo estaria em meio termo, ou no meio do caminho.

O elemento central do método dialético em Platão está na Ideia como eterna e imutável, portanto, sumo Bem em contraposição com o mundo sensível, que é variável e incerto, em que uma pequena manifestação do que seria no mundo ideal nele ocorre. Sendo a alma também imortal, e tendo nela o almejado ideal onde sempre esteve, é capaz de, no corpo, ordenar o corpo em suas sensações incompletas. Sendo o saber dissimétrico, procurará a alma elevar-se até contemplar o sumo Bem. Porém, o mundo sensível com seus percalços dificultaria a alma de 'recordar os melhores caminhos' em direção ao Ideal. Assim sendo, cada ponto alcançado é sempre o que não é, é um constante vir a ser e, neste sentido, a hipótese é elemento de aproximação, pois não há como constatar o que seria.

Na aproximação com a filosofia clínica a dialética vem como um caminho possível dentre muitos. Talvez este método platônico pode contribuir para entender que, no consultório, o filósofo clínico nunca terá da pessoa o que é, mas parte da composição do que seria. Ou seja, um tratamento com base na dialética não seria conclusivo, mas parte de um processo aproximado.



4. A FILOSOFIA E A CLÍNICA

O termo clínica vem do grego *klinicós*, *kline*, que corresponde literalmente ao leito do enfermo, e vem da medicina. O que conhecemos hoje da medicina, compreende-se duas formas, a científica e a clínica. A parte científica é voltada para a investigação das doenças, tendo como principal elemento de pesquisa os exames laboratoriais. Seu foco é o estudo das doenças. Já a medicina clínica é compreendida como arte, e seu foco principal é o ser humano em sua totalidade.

A clínica médica, em sua origem na Antiguidade, caracterizava-se por observar o leito do paciente, ou seja, o ser humano a receber cuidados. Hipócrates, considerado o pai da medicina, destacava a importância de o médico reconhecer o contexto de seu paciente.

Perder o equilíbrio correspondia a estar doente e, para cuidar do paciente, era fundamental conhecer os elementos internos ou externos a ele, prováveis causadores do desequilíbrio. Para a escola hipocrática, da mesma forma que para a concepção socrático-platônica, um ambiente desequilibrado ou uma sociedade desequilibrada gerariam desequilíbrios em seus cidadãos.

A restauração do equilíbrio, que era papel do médico, exigia o conhecimento, não apenas de aspectos corporais do paciente, mas deste na totalidade de seus aspectos, incluindo os hábitos, as paixões, a vida cotidiana, os contextos do entorno natural e social. Na clínica contemporânea, quando definimos saúde como completo bem-estar bio-psico-social, nos aproximamos da perspectiva da totalidade.

Considerando o movimento da história da clínica, a medicina clínica adquiriu, com o passar do tempo, uma perspectiva muito próxima da medicina científica. O olhar especializado, importante para encontrar a cura de algumas doenças, levado ao extremo pode se tornar um entrave ao tratamento médico.

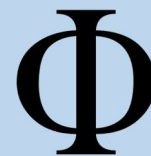
Segundo os médicos, para ser boa, a medicina clínica necessita conciliar conhecimentos próprios de sua arte, ou seja, fazer uso de todos os recursos



existentes para diagnosticar e tratar; mas também fazer uso de todos os recursos existentes para conhecer a pessoa que busca tratamento, pois elementos circunstanciais, crenças, formas de pensar, sentir, ser no mundo e agir interferem fortemente na conduta do paciente, auxiliando ou impedindo os processos e movimentos necessários aos tratamentos. Além disso, fixar o olhar clínico em um único ponto, na doença, por exemplo, pode levar a diagnósticos equivocados. Tais percepções, advindas de reflexões contemporâneas, aproximam novamente a Filosofia e Medicina, promovendo o resgate do conceito originário de clínica.

Com todo esse arcabouço, podemos entender agora o sentido do termo clínica que compõe o termo filosofia clínica – na acepção compreendida pelos antigos, mais próximo da arte do que da ciência médica. A clínica que vai até a pessoa, que visita seu universo existencial, que acompanha, nesta visita, aquilo que é mostrado pela pessoa, respeitando os limites, as formas de vida, os modos de ser. Ao mesmo tempo, uma clínica filosófica, que questiona o que é isso? Como isto se dá? Por que é desta forma? Precisa ser desta maneira? Há outras possibilidades? Quais as implicações da escolha por esta ou aquela forma? Quais as reais condições de satisfação das crenças que orientam as formas de ser e lidar com as questões que se colocam? Qual a gênese de tais formas? Além de outros questionamentos que buscam ampliar o conhecimento sobre as questões apresentadas, sobre as formas de vida constituídas.

Apesar de toda a história aqui colocada, quando buscamos a clínica médica, visamos diagnósticos, prognósticos e tratamentos validados por pesquisas e protocolos médicos e apresentados por um profissional qualificado para conduzir o tratamento. A filosofia clínica não se dispõe a isso. Não é seu papel e nem está entre suas possibilidades de atuação, uma vez que o filósofo não possui tais habilitações. Contudo, dado o uso comum do termo clínica, muitas pessoas confundem, buscando na filosofia uma espécie de receita para curar seus problemas existenciais e, em alguns casos, até problemas médicos e patológicos.



5. A PRÁTICA DA FILOSOFIA CLÍNICA

A prática da filosofia clínica ocorre num consultório, assim como na psicologia e na psicanálise. Quem procura este método se chama partilhante, pois ele partilha suas questões existenciais, inquietações, sua história, suas formas de viver, sentir, pensar; e por sua vez, o filósofo partilha os conceitos e os métodos filosóficos dentro de uma tradição.

A periodicidade das consultas também é semanal, podendo variar de acordo com cada partilhante, podendo ter mais ou menos encontros na semana, sempre com duração de cinquenta minutos. Não se pode estabelecer, a priori, o tempo total de consultas, vai depender muito das questões apresentadas pelo partilhante, mas de antemão, é importante ressaltar que a condução da clínica é sempre partilhada e flexível, buscando a autonomia do partilhante, para que ele possa criar, em seu cotidiano, o hábito de pensar por si só.

Na Filosofia Clínica, o primeiro passo é investigar o porque de o partilhante ter procurado um consultório de filosofia. Deixar que ele conduza a conversa deixando-à vontade. Assim, o filósofo poderá dar início a uma contextualização do processo e do histórico de vida do partilhante. Evita-se ao máximo a interferência por parte do filósofo, salvo em caso de perda de memória, ou de sobressalto lógico. O ideal é que deixe o partilhante à vontade para expressar toda a sua vivência deixando manifestar o seu modo de conduzir a vida.

Compreendida a obra, o filósofo questiona, provoca seu interlocutor a si mesmo a observarem pontos talvez não observados anteriormente; amplia o foco possibilitando novas e diferentes perspectivas. Do encontro entre as diferentes perspectivas, podem surgir novas ideias. O mesmo se dá no consultório. Com alguns dados sobre o funcionamento do universo do partilhante, são possíveis provocações, encontros com outras perspectivas, ampliação de foco, e movimentação desses diferentes universos existenciais.



Assim, desde o primeiro contato até o término do processo, cada partilhante é único, singular, o que implica processos filosóficos também únicos e singulares, uma vez que são construídos sempre e necessariamente a partir das necessidades de cada partilhante.

18

6. REFLEXÕES FILOSÓFICAS DA FILOSOFIA CLÍNICA

Aqui, neste capítulo, apresentarei o relato de uma filósofa que vivenciou o início de todo o processo de constituição e maturação da filosofia clínica, e com isso, teceu suas considerações filosóficas acerca do assunto. Publicando, mais tarde, alguns livros sobre o tema, esclarecendo e até mesmo ensinando tudo o que aprendeu e que aplicou em sua carreira em filosofia clínica.

Como apresentado no prefácio, ao estudar a proposta de Packter, cometi um equívoco, ou seja, compreendi a filosofia clínica por ele apresentada como o exercício do filosofar. Até publiquei um livro intitulado Para entender filosofia clínica: o apaixonante exercício do filosofar (WAK, 2004). Atribuo meu equívoco à ambiguidade e falta de clareza dos discursos e textos de Packter, e também ao fato de ele não ter corrigido nem o meu nem os demais equívocos - afinal não fui a única a interpretar de modo próprio. Houve muitas e variadas interpretações, culminando em diferentes práticas com o nome "filosofia clínica".

Em 2013, eu e César Mendes da Costa editamos, pela editora FiloCzar, o livro de José Maurício de Carvalho, Diálogos em filosofia clínica. Neste livro, o autor define a filosofia clínica como técnica de ajuda ao outro com fundamentação fenomenológica, e dedica o primeiro capítulo a demonstrar os motivos pelos quais a filosofia clínica não é filosofia. No prefácio, Packter afirma que José Maurício de Carvalho está correto em sua interpretação. Está explicitado o meu equívoco, e agradeço a Carvalho por fazê-lo.



Em janeiro de 2016, a assembleia da ANFIC - Associação Nacional de Filósofos Clínicos - decidiu por voto da maioria por não mais exigir a graduação específica em Filosofia para a formação dos filósofos clínicos, com a justificativa de ampliar o mercado para os cursos, e não aprovou a inserção de disciplinas que apresentassem conceitos e métodos filosóficos nos cursos, com o argumento de não precisávamos estudar filosofia, eu, que presidia a associação e a assembleia, percebi que não poderia representar mais aquela associação, nem ser representada por ela. Então renunciei à presidência e pedi meu desligamento como associada. Considerando os rumos que o Instituto Packter já tomava na época, meu desligamento foi, também, deste instituto.

Posteriormente, no mesmo ano, em conversa pessoal com José Maurício de Carvalho, na qual eu descrevia a ele como trabalho, ele afirmou: "O que você faz é filosofia, mas não é filosofia clínica". A fala de Carvalho causou-me inquietação, mas ele estava absolutamente correto.

Mantive, em minha escola, a exigência da graduação em Filosofia e adotei, como diferencial, um subtítulo: filosofia clínica como o exercício do filosofar. Mas isso não foi suficiente para traçar as distinções, para não ter meu trabalho confundido com práticas que se distanciam do filosofar, com uma espécie de "autoajuda filosófica", descrita muito bem por João de Fernandes Teixeira em seu livro *Por que estudar filosofia?* (Paulus, 2017, p. 25-26), no capítulo intitulado "A cilada da autoajuda", ou pior, com práticas de um esoterismo travestido de filosofia.

Os três últimos anos caracterizaram meu trabalho como uma tentativa de manter a filosofia clínica no campo filosófico, de mostrar o quanto a filosofia pode ser importante para pensarmos as questões cotidianas, o quanto os métodos filosóficos podem auxiliar nossa existência, o quanto a investigação filosófica pode ampliar nossa compreensão sobre

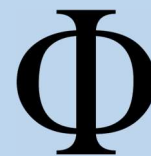


o mundo em que vivemos e sobre nós mesmos, permitindo escolhas e posicionamentos mais refletidos, ampliando nossos graus de autonomia, ou seja, defendendo aquilo que considere ser a filosofia clínica desde o início.

Diante da constatação do fracasso de minhas tentativas - uma vez que as práticas não filosóficas da filosofia clínica ganham cada vez mais espaço -, decidi por uma atitude radical: fechei o Instituto Interseção, após 12 anos de atividade, e abri o Espaço Monica Aiub - Filosofia, Arte e Cultura. Anunciei, através de artigos e palestras - e ainda estou anunciando - os motivos pelos quais não atuo mais como filósofa clínica, embora continue fazendo o que fiz por mais de 20 anos no consultório de filosofia, agora com o nome orientação filosófica.

A Classificação das Ocupações Brasileiras (CBO) indica, entre as possíveis atividades do filósofo, a orientação a pessoas e a grupos. É nesse tipo de orientação que me insiro, mantendo-me no campo da filosofia. Compreendo que qualquer pessoa com graduação em Filosofia é habilitada para tal. Ainda assim, ofereço cursos nos quais o objetivo é a ampliação do repertório filosófico para quem pretende atuar como orientador filosófico. Obviamente, somente quem possui a graduação específica em Filosofia participa deste curso, mas não é ele que habilita alguém ao atendimento como orientador, e sim a formação específica em Filosofia na graduação.

Além disso, como já fazia antes, ofereço cursos a quem deseja conhecer como a filosofia pode auxiliar a refletir sobre as questões cotidianas. Esses cursos são abertos ao público em geral, com temáticas que envolvem filosofia e cotidiano.



O mais importante é fazer circular os conhecimentos filosóficos, pois eles são fundamentais para pensarmos a existência, principalmente em tempos como os nossos, nos quais as rápidas mudanças impõem exigências cada vez mais radicais; nos quais notícias falsas são veiculadas para nos manipular e falsos filósofos se apresentam como gurus de uma sociedade.

21

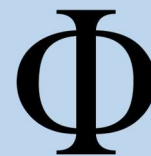
A investigação filosófica, a contextualização das questões, a compreensão da gênese dos problemas, o rigor metodológico, podem ser fortes aliados para enfrentarmos as exigências cotidianas de um presente incerto e de um futuro que sequer conseguimos imaginar como será.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Livros de filosofia são, em geral, inconclusivos, por permitirem a abertura. Em se tratando de uma novidade que é muito antiga, talvez a melhor conclusão para este livro seja a partilha, o convite para que o leitor dialogue, partilhe sua vivência com esta e outras leituras.

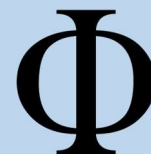
Observadas algumas características fundamentais da filosofia, nosso percurso apontou para as possibilidades de abordarmos os problemas da existência com os métodos filosóficos. Uma questão de postura, de abertura, de manter-se no não saber, de cultivar o gosto pela diversidade, o respeito pela singularidade. O não se fixar em padrões, o ampliar o foco, o olhar para o ser humano inserido em seu universo existencial e não apenas para o problema.

Apresentando os conceitos de filosofia e de clínica, nossa trilha tentou mostrar de que maneira a filosofia pode ser clínica, pontuando as proximidades entre filosofia e medicina nas origens e na atualidade. Mas para além do mostrar, convidou o leitor a exercitar reflexão sobre alguns pontos de sua existência, de seu modo de vida.



O percurso situou o leitor na proposta metodológica, com destaque para a importância de se conhecer a gênese e o contexto das questões, mas também os contextos, modos de ser, viver, pensar, sentir e agir de cada um, relacionando as questões às especificidades de cada caso.

Por outro lado, a indicação da necessidade de sermos, concomitantemente amigos do saber e amigos do outro, colocou-nos, a todos, como possíveis candidatos à utilização desta metodologia para cuidarmos de nossas questões.



8. REFERÊNCIAS

AIUB, M. *Para entender filosofia clínica: O apaixonante exercício do filosofar*. São Paulo: Paulus, 2019.

_____. *Como ler a filosofia clínica, ou melhor, a orientação filosófica: prática da autonomia do pensamento*. Rio de Janeiro: WAK, 2004.

_____. "Filosofia clínica no Brasil: Perspectivas do Instituto Interseção". In: HASER: Revista Internacional de Filosofia Aplicada, ISSN 2172-055X, Nº. 9, 2018, 39-65.

ARISTÓTELES. *Ética à Nicômaco*. Brasília: UNB, 1995.

_____. *Metafísica*. São Paulo: Loyola, 2002.

BUNGE, M. *El problema mente-cerebro: un enfoque psicobiológico*. Madrid: Tecnos, 2002.

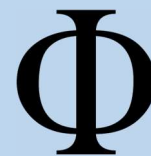
CARVALHO, J. M. *Diálogos em filosofia clínica*. São Paulo: Filo Czar, 2013.

DE ASSIS, Machado. *O alienista*. São Paulo: Filo Czar, 2017.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

DESCARTES, R. *Discurso do método*. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

_____. *Princípios de filosofia*. São Paulo: RIDEEL, 2007.



ESPINOSA, B. *Ética*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

GADAMER, H. G. *Verdade e método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2003.

GOYA, W. *A escuta e o silêncio: lições sobre o diálogo em filosofia clínica*. Goiás: PUC, 2010

HEGENBERG, L. *Doença: Um estudo filosófico*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.

HEIDEGGER, M. *O que é isto - a filosofia?*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

HIPÓCRATES. *Conhecer, cuidar, amar: O juramento e outros textos*. São Paulo: Landy, 2002.

JASPERS, K. *Introdução ao pensamento filosófico*. São Paulo: Cultrix, 2008.

LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1987.

PACKTER, L. *Cadernos de filosofia clínica*. Portro Alegre: AGE, 1997

PLATÃO, *Fedro*. São Paulo: Martin Claret, 2002

ROGUE, C. *Compreender Platão*. Trad. De Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2007

Nome do arquivo: Filosofia Clínica: da teoria à prática
Diretório: C:\Users\User\Desktop\ALANDER\ALANDER\DOC
Modelo: C:\Users\User\AppData\Roaming\Microsoft\Templates\Normal.dotm

Título: Filosofia Clínica: da teoria à prática
Assunto: Monografia
Autor: Alander Santos Leão
Palavras-chave: filosofia, clínica, teoria, prática
Comentários:
Data de criação: 11/04/2021 18:09:00
Número de alterações: 11
Última gravação: 20/02/2022 22:36:00
Salvo por: User
Tempo total de edição: 1.691 Minutos
Última impressão: 20/02/2022 18:39:00

Como a última impressão

Número de páginas:	24
Número de palavras:	4.692 (aprox.)
Número de caracteres:	25.341 (aprox.)